

Expo-independência

O processo de independência do Brasil:
contexto e antecedentes

1

Quem fez parte da missa de Independência?



Sobre a imagem

TÍTULO DA IMAGEM

Primeira missa no Brasil, 1980

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Obra produzida por Glauco Rodrigues e retirada de: <http://www.historiaeimagem.com.br/sala-do-professor/iconografia/a-realidade-posta-no-papel/>

A imagem faz parte de uma série de releituras de Glauco Rodrigues a partir da obra "Primeira Missa no Brasil", de Victor Meirelles (1861). Nessa obra intertextual, há sujeitos que veem a missa de fora, como pessoas que não fazem parte daquela narrativa e não foram convidadas a participar das decisões. Essas figuras em vermelho representam indígenas e negros, que resistem até hoje ao embranquecimento da história. A "independência" não veio acompanhada da ruptura da dominação étnica.

Descrição textual da imagem

No centro da imagem ocorre uma missa cristã com tons de azul. Nessa cena há um altar com um padre abençoando o cálice para a eucaristia em direção ao que lembra uma cruz. A parte central é envolta por tons de vermelho vivo de onde saltam cajus amarelos e gigantes no primeiro plano inferior. Na borda vermelha esquerda há o busto de uma indígena que se mistura ao fundo. Na direita há a figura de um homem negro de chinelos e roupa esportiva vermelha e branca. Ambos observam a missa de fora.

Fugida de Napoleão Bonaparte, a Corte Portuguesa desembarcou no Brasil em 1808 com a ajuda da Inglaterra. Com esta chegada ocorreram modificações políticas na Colônia. A errônea concepção dos povos originários brasileiros como hostis aos colonizadores trouxe a violência das guerras ditas justas. Foi o tráfico intercontinental de almas, a escravização, mais uma das agressões que teve escala aumentada com a vinda da Corte. Nesse contexto começa-se a discussão em torno da Independência do Brasil.

O antecedente de 1798 no Haiti; a eclosão das guerras de Independência pela América Espanhola, em 1810; a ramificação do poder português, em 1821; e a tentativa de recolonização constituíram motivos que levaram à Independência. Além disso, a oligarquia agrária pressionava a favor dessa emancipação em razão da cobrança de tributos pela corte de Lisboa. O processo atendeu aos interesses conservadores dessa elite fiadora e não alterou a ordem econômica e política colonial, ou seja, os latifúndios dominantes e a escravização não foram abolidos. Essas heranças foram perpetuadas: passado, presente e futuro comprometidos. Assim como “A Primeira Missa no Brasil”, de Victor Meirelles, “O Grito do Ipiranga”, de Pedro Américo, foi encomendado pelo Imperador Dom Pedro II. O fato de a definição heróica de acontecimentos como esses ser tão relevante para o monarca tem motivo: a tentativa de unificação da história dos povos presentes no território brasileiro. O sentimento de nação foi necessário para a consolidação do povo em um lugar comum visado pelo Império. Para homogeneizar essa sociedade desigual se consagra a imagem representante de uma história única. História que ignora o sofrimento de tantas almas em prol do progresso.

Em contraponto, podemos pensar na necessidade de independentizar o povo aborígine desde 1500, quando o europeu chegou a Pindorama. A partir de 26 de abril daquele ano, dia da realização da primeira missa no país, a liberdade dos povos indígenas começou a ser violada e sua autodeterminação ameaçada.

Afinal, se os portugueses nunca tivessem invadido Pindorama, será que os seus habitantes precisariam se tornar independentes de alguém?

O processo de independência não é um processo único

2

Quem está representado no hino da Independência?



Sobre a imagem

TÍTULO DA IMAGEM

Carta ao Velho Mundo, 2019

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Obra produzida por Jaider Esbell e retirada de: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/03/20/carta-ao-velho-mundo/>

Trata-se de uma releitura de Jaider Esbell do óleo sobre tela Salomé com a cabeça de João Batista (1635), do italiano Guido Reni. Levando em consideração o contexto do Barroco na Europa e como a cristianização seguia seu curso na América, bem se pode pensar que o sacrificado aqui é o a ser evangelizado. Para os povos originários o batismo foi de sangue. O ciclo da violência que remonta ao Antigo Testamento segue sendo feito antes, durante e depois do processo de Independência.

“Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.”
(Hino do Brasil, 1831)

Nas escolas, nas ruas, campos e construções o hino nacional é cantado. Essas palavras foram escolhidas para representar o Brasil, para contar sua história. Não é por acaso que a Independência é reduzida ao brado retumbante de Dom Pedro I. É nosso dever reconstruir essa narrativa única, enfatizando não somente as margens plácidas do Ipiranga, mas do Amazonas e de todas as outras águas brasileiras. O sol da Liberdade brilha onde convém ao povo "heróico": a favela é a nova senzala e cada camburão tem um pouco de navio negreiro, onde não entram raios fúlgidos.

Ao contrário do que prega o hino, a Independência do país não ocorreu em um instante, foi um processo. Essa versão inventada e romantizada fortalece o mito do povo brasileiro de índole pacífica, ocultando o conflito, a violência e a resistência. O Oceano Atlântico é vermelho e a Mata Atlântica também, parafrazeando Rosana Paulino.

Antes de setembro de 1822 já ocorriam guerras de independência. A de Pernambuco, em 1817, foi agressivamente reprimida pela Corte após seus 74 dias de governo republicano. Em julho de 1822 começou a revolução baiana que também buscava a emancipação. Esta guerra levou mais de um ano e em julho de 1823 os portugueses foram expulsos da Bahia. Na maior parte do Brasil se comemora a Independência no dia 7 de setembro; na Bahia ela é comemorada dia 2 de julho. E quem não conquistou sua independência ainda, comemora quando? Para os Guarani-kaiowa, Kaingang, Kaiapó, Pataxó, Munduruku, Baniwa, Guajajara, Yanomami, Krenak e tantos outros povos reduzidos a palavra "índio", a independência seria a devolução das terras roubadas. Por isso, demarcação já! Ordens de 1500 que ecoaram durante a Independência, ecoam até hoje e a visão de um processo único desrespeita a memória dos excluídos. Essa violência praticada pelo velho mundo envolve mais do que a invisibilização dos corpos mortos. O apagamento da cultura dos povos tradicionais é avassalador e a catequização volta-se contra a doutrina cristã de compaixão ao outro. Se cabeças indígenas são entregues em bandejas ao catolicismo, o sacrifício de um povo é feito pelo genocida.

Dos filhos deste solo és mãe gentil?

Pátria amada

Brazil!

A independência em contexto local/regional

3

Quem tem virtude na Independência?



Sobre a imagem

TÍTULO DA IMAGEM

Cabeça de Lanceiro Negro, c. 1990

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Obra produzida por Vasco Machado e retirada de: <https://www.appai.org.br/a-mistica-dos-lanceiros-negros/>

O Lanceiro Negro do pintor rio-grandense Vasco Machado, dialoga em nossa curadoria, com o homem negro retratado por Glauco Rodrigues. Espelhados e em vermelho, refletem o papel desses homens nas narrativas históricas das quais fazem parte. O lanceiro aqui presente refere-se diretamente a seu antecessor imortalizado por Juan Manuel Blanes (1830-1901). Assim como o lanceiro de Rivera lutou pela Independência do Uruguai, o lanceiro rio-grandense atuou ao lado daqueles que afiançaram a do Brasil.

Assim como os povos tradicionais do Brasil ainda não conquistaram sua independência, os descendentes dos africanos escravizados herdaram as consequências da liberdade tardia e sem reparação. A abolição foi assinada 66 anos após o grito de Dom Pedro I. Nitidamente, a emancipação dos escravizados não fazia parte desse movimento Brasil livre.

Os caudilhos rio-grandenses foram decisivos na manutenção do território unificado do Brasil mesmo com a desanexação da Cisplatina. Apesar de terem servido a Dom Pedro na Independência, voltaram-se contra o Império quando se sentiram desmerecidos. A Guerra dos Farrapos (1835-1845) foi movida, em parte, pelo mesmo descontentamento econômico-tributário da Independência do Brasil. Os farroupilhas exploraram o desejo por libertação dos escravizados quando condicionaram a alforria em troca de suas lanças na infantaria farrapa contra o Império. Quem quisesse ser livre precisaria lutar, (in)voluntários da pequena pátria. Para os cativos se tratava de "Independência ou Morte".

Os Lanceiros Negros foram martirizados no episódio mais vergonhoso e mal contado da história do Rio Grande, conhecido como Massacre de Porongos (1844). Tendo percebido que não superariam as forças imperiais, os líderes farrapos entregaram de bandeja seus aliados ao contraditório General Canabarro. Esse Sul não é o meu país.

Após trair aqueles que lutaram por uma causa que nem era sua, os rio-grandenses que contaram a epopeia farroupilha mantiveram um discurso que não rompia com a ordem anterior:

“Mas não basta, pra ser livre
Ser forte, aguerrido e bravo
Povo que não tem virtude
Acaba por ser escravo”

(Hino do Rio Grande do Sul, 1838)

Com que audácia ainda cantamos esse hino? Como permitimos que a afronta continue em nossos gestos cotidianos? Parece hipocrisia instituir virtude como valor moral, quando quem o faz é o traidor. Liberdade é um valor inalienável, indigno é quem a retira. O presente é o passado reiterado com a permanência da servidão. Em tempos de precarização do trabalho, cota não é esmola.

Curiosamente, uma região do Brasil que chegou a ter um terço de sua população escravizada nega esta presença, enfatizando a branquitude sempre que possível. Independência de quem?

Talvez os Lanceiros Negros sejam uma grande metáfora da política de extermínio já em marcha naquele Brasil que se queria independente, no Rio Grande que se pretendia livre e justo. Não por acaso, o maior deserdado da história do Sul nem nome tem: é o Negrinho do Pastoreio.

As comemorações da Independência

4

Quem escolherá festejar a Independência?



Sobre a imagem

TÍTULO DA IMAGEM

A Memória do Esquecimento, 2021

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Obra produzida por Helena Silva, Manoela Pont dos Santos e Naomy Onofre com as imagens Escravos Libertos, c. 1900, retirada de <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2764-1.pdf> e Grito do Ipiranga, 1888 retirada de https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Independ%C3%Aancia_ou_Morte_emoldurado.jpg

A montagem produzida pela equipe dispõe, na mesma parede de museu, a imagem do fotógrafo amador Lunara e a célebre pintura de Pedro Américo. Os “escravos” libertos seguem de pés descalços após a abolição. Presos pelos grilhões do passado na periferia da cidade, contrastam com a grandeza da cena ocorrida tantos anos antes, às margens do Ipiranga. No bicentenário devemos colocar as histórias silenciadas acima de tudo e ninguém acima de todos. O grito do Ipiranga ainda não foi ouvido pelo Brasil.

Os vencedores escrevem a história e recebem os louros. No mesmo sentido, a iconografia oficial, legitimada por sua presença em museus, torna sombra a diversidade dos oprimidos, transformando maiorias em minorias. Da primeira à última missa, os donos do poder devem ser questionados.

Em períodos como a Ditadura Militar, as narrativas historiográficas foram apropriadas, fazendo o Imperador Dom Pedro I se parecer com um comandante. Nas escolas se ensinava Educação Moral e Cívica, como estímulo ao patriotismo. Crianças hasteando “Ordem e Progresso”, entoando hinos e lendo sobre o glorioso Grito do Ipiranga.

Existe o memorável e o esquecível. Somos presos pelos grilhões do passado, enjaulados nas linhas dos livros didáticos, emoldurados nas paredes dos museus. Poetas desconhecidos no Brasil como Heleno Oliveira (1941-1995) nos provam o quanto escolhemos esquecer e nos ajudam a pensar a diáspora e a negritude como caminhos a serem compreendidos. Já passa do tempo de recuperar essas memórias do esquecimento. Começamos por aqui:

“Vivo sou teus pedaços
Senzala coroa das cidades
Da tua diáspora a memória extinta
Rasgaram do Brasil todas as folhas
O número das lágrimas a vergonha”
(OLIVEIRA, 2004)

Não deveríamos festejar o bicentenário da Independência em 2022, mas utilizar essa efeméride para dar espaço às vozes silenciadas e eternizá-las em molduras douradas. Comemorar os duzentos anos de Independência é um ato político, assim como não comemorar também é. De qual lado da corda você está?

Referências bibliográficas

- -Série de aulas ‘A ONHB e as independências do Brasil’. ONHB, 2021.
- -Oropa França e Bahia, Heleno Oliveira
- -História do Brasil, Boris Fausto
- -Vida política no século XIX, Helga Piccolo
- -<https://www.itaucultural.org.br>
-

Créditos da exposição



Esta exposição foi concebida e montada pela equipe Um teto todo nosso, da cidade de Porto Alegre, RS, composta por Helena Figueiredo, Manoela Pont dos Santos e Naomy Onofre, sob a orientação de Patrícia Carvalho.

